

A verdade na imprensa

CARMEN LUCIA RIBEIRO PEREIRA*
(Universidade Gama Filho)

Resumo

Rui Barbosa, arauto do liberalismo, foi também um jornalista que, em defesa da liberdade de imprensa e da verdade, contribuiu para o ideal de imprensa que ainda hoje ecoa. A análise de seus escritos aponta as condições reais de sua produção ao longo de 50 anos; desvenda aspectos estruturais da imprensa no limiar do século XX ainda presentes às vésperas do terceiro milênio.

Palavras-chave: jornalismo, história, liberdade de imprensa, verdade

Resumen

Rui Barbosa, heraldo del liberalismo en el Brasil, fué tambien un periodista que, en defensa de la libertad de prensa y de la verdad, ha contribuido para lo ideal de prensa que aún hace eco en la actualidad. El analisis de sus escritos hechos en los años 50 indica las condiciones reales de su producción. Por eso desvela aspectos estructurales en un momento de profundos cambios sociales en la formación de la sociedad brasileña en los comienzos del siglo XX y aún presente en las vísperas del tercer milénio.

Palabras-clave: periodismo, historia, libertad de prensa, verdad

Abstract

Rui Barbosa, defender of liberalism in Brazil, was also a journalist whose defense of press freedom and truth, still echoing today. The analysis of his written work, produced along 50 years reveals the real conditions in which they were produced. By doing brings into light structural aspects at a moment of deep social transformations in the brazilian social background, at the edge of the XXth century, and still present in the verge of the third millenium.

Keywords: journalism, history, press freedom, truth

*Vencedora do PRÊMIO INTERCOM 95, modalidade Jornalismo, categoria Mestrado, com o trabalho aqui apresentado, a autora é jornalista, professora e Coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Gama Filho.

Sobre Rui Barbosa o que tem sido difundido até os dias atuais é a sua contribuição ao pensamento jurídico e as suas qualidades de orador. No entanto, encontramos em sua produção a revelação de que o Jornalismo (junto com o Direito) foi sua paixão maior. Na tentativa de encontrarmos uma resposta começamos a montar nossa pesquisa. Adotamos como objetivo mais geral o resgate da importância do pensamento de Rui Barbosa sobre a imprensa.

Em nossa sondagem constatamos a precariedade da produção acadêmica sobre a imprensa no Brasil na passagem do século XIX ao XX apontando dificuldades. Por isso, embora fugisse a nossa proposta fazer uma análise da imprensa na época de Rui, procuramos apontar, em alguns momentos, as relações existentes nas instâncias sócio-econômicas e políticas como suporte para compreendermos o pensamento de Rui sobre a imprensa e sua importância para a época. Assim, acreditamos que nosso trabalho ganhou uma relevância maior: uma contribuição para a compreensão dos aspectos estruturais da imprensa no Brasil no momento da transição da chamada fase artesanal à grande imprensa.

Outra contribuição é resultado de nossa preocupação em procurar contextualizar a imprensa na conjuntura da época, buscando seu papel e sua dimensão, num momento de profundas transformações na formação social brasileira. Esta preocupação em parte pode ser explicitada por nossa observação sobre a produção acadêmica na área de comunicação social que ora privilegia o específico ora o geral, dificilmente fazendo uma articulação entre estas instâncias.

Acreditamos que estas contribuições ampliam a importância de nossa pesquisa, pois pode fornecer subsídios a pesquisadores de diversas áreas, especialmente daqueles que se dedicam a conhecer a imprensa no Brasil em qualquer época. Procuraremos comprovar esta afirmação nos próximos passos, mas de antemão convém esclarecer que estas evidências não fizeram parte dos objetivos propostos e poderão ser avaliados em sua totalidade na obra que originou este artigo.¹

Pesquisa e Metodologia

A pesquisa JORNALISMO: PAIXÃO MAIOR DE RUI BARBOSA surgiu de nossa participação, na qualidade de consultora técnica, da pesquisa "A Liberdade de Imprensa no Pensamento de Rui Barbosa", que vem sendo desenvolvida pelo Setor Ruiano da FCRB. São mais de dois mil artigos escritos ao longo de 50 anos abordando diversos aspectos da vida política de sua época. Correspondem a quase 20% do conjunto da sua produção intelectual e estão agrupados em cerca de 30 tomos de um total previsto de 168.²

¹ *Jornalismo: paixão maior de Rui Barbosa*, dissertação de mestrado, PUC-RJ, 1994.

² *As obras completas de Rui Barbosa* reúnem a produção intelectual de Rui Barbosa em ordem cronológica (1865-1923) que está sendo editada e publicada segundo critérios do setor Ruiano da FCRB.

A produção jornalística de Rui Barbosa foi nossa fonte primária. Fizemos uma seleção que tomou por base os artigos indexados em ordem cronológica pelo Setor Ruiano da FCRB. A partir de uma leitura sistematizada selecionamos aproximadamente 300 que tinham como tema principal a imprensa. Incluímos, ainda, aqueles que se relacionavam com o tema secundariamente. Encontramos a liberdade de imprensa perpassando como questão recorrente em quase todos os momentos. Fizemos, então, um recorte entre os anos de 1889 e 1901 que corresponde a uma atuação mais regular nos mais importantes jornais da época — *Diário de Notícias* - RJ (1889), *Jornal do Brasil* (1893-1895) e *A Imprensa* (1898-1901) — e porque neles respondeu pela opinião do jornal junto aos leitores enquanto redator-chefe. Os blocos excluídos da análise do discurso (1869/80 e 1901/23) foram utilizados enquanto suporte para resgatar a trajetória de Rui na imprensa e percebermos a importância de sua produção para a imprensa da época.

Nosso procedimento metodológico foi de análise de conteúdo com recorte temático (ROBIN, 1973). Procuramos identificar uma teia de significados que circulavam em torno do tema liberdade de imprensa. Encontramos dentre as expressões mais recorrentes **verdade**, **paixão** e **dever**. Foi na **verdade** que observamos uma ambigüidade em si mesmo. Procuramos captar seu significado para Rui Barbosa. Na conferência *A Imprensa e o Dever da Verdade* (BARBOSA, 1990), produzida em 1920, conseguimos captar o significado mais amplo da **verdade** e tivemos a possibilidade de perceber a articulação com o tema liberdade de imprensa.

Sob o ponto de vista metodológico pode ser questionado o fato de nossa proposta principal ser a análise da produção jornalística e termos incorporada uma conferência. Em nosso estudo exploratório observamos que a análise em si da conferência não revelaria a totalidade da questão. Daí termos optado pela produção jornalística que, também, acabou revelando-se insuficiente em si mesma. Somente a partir dos fragmentos pinçados nos artigos pudemos retomar a conferência. Além disso, Américo Jacobina Lacombe (1984) observou que os escritos, jornalísticos ou não, de Rui foram provocados por impulso ou longamente elaborados, traçando um roteiro prévio com indicações bibliográficas completas. As observações de Lacombe, aliadas ao que percebemos empiricamente ao longo de nosso levantamento, permitiram usar a referida conferência na análise de conteúdo sem comprometer o aspecto metodológico.

Optamos pelo enfoque histórico como base e instrumento de nossa análise, pois faz uma abordagem da realidade social em que os produtos da vida social são historicamente limitados. Tal concepção nos permite adotar a dialética como motor interno da produção da realidade. Assim a categoria transitoriedade nos apontou a necessidade de situarmos a trajetória de Rui articulada a sua história de vida e ambas a conjuntura da época. A de totalidade, significando que a realidade social deve ser percebida enquanto lugar de análise (CERQUEIRA FILHO, 1988), possibilitou enfocar a trajetória Rui na imprensa buscando situá-la na sua história de

vida, bem como a sua contribuição à imprensa da época e à formação social brasileira. A contradição revelou que os artigos de Rui sobre a imprensa ultrapassavam o seu interesse particular de formulações sobre a instituição social em si mesma e apontavam as condições reais em que foram produzidos.

Tomamos, como hipótese de trabalho, a adoção por Rui dos pressupostos liberais formulados no bojo da construção da ordem burguesa na formação social brasileira e da constituição do mercado com o fim da escravidão. Entendemos que o liberalismo teve sua matriz no pensamento europeu e foi trazido para o Brasil com ajustes e desajustes em relação a realidade brasileira, apresentando matizes segundo grupos integrantes da classe dominante (NEDER, Gizlene, 1987). Essa adoção fez com que defendesse a tese de que a liberdade de imprensa é o sustentáculo das demais liberdades da sociedade. Essa hipótese foi construída a partir da biografia de Rui que iniciou suas atividades na imprensa na chamada fase artesanal, atravessou a transição, e chegou à fase industrial.

As transformações ocorreram em escala internacional com especificidades determinadas pela formação social em que a imprensa estava inserida. A transposição para a realidade brasileira feita por Rui sofreu ajustes e desajustes revelando uma tensão, como a defesa da não subordinação à ordem econômica num momento em que as inovações tecnológicas criavam esta necessidade para sustentação e manutenção do empreendimento.

Como privilegiamos em nossa pesquisa o pensar, trabalhamos com o conceito de ideologia, de acordo com as interpretações da Marilena Chauí (1980) e Gisálio Cerqueira Filho (1988). Por isso utilizamos os planos do agir e do sentir na medida em que nos permitiram explicar o discurso. Fizemos uma articulação do materialismo histórico com a psicanálise em dois momentos. Na trajetória de Rui, observando os procedimentos propostos por Peter Gay (1989), e na análise de conteúdo da produção jornalística, quando adotamos a concepção de Gisálio Cerqueira Filho (1988) para compreendermos as metáforas e metonímias como manifestações do inconsciente que se assemelham ao da linguagem.

Na trajetória de Rui nosso conceito-chave foi o de intelectual (GRAMSCI, 1978). Sua herança familiar aliada a formação jurídica e a sua prática política permitiram inscrevermos seu pensamento nas idéias da classe dominante. Nos limites do pensamento liberal e da conjuntura construiu seu ideal de imprensa como alternativa para a defesa das idéias liberais. No painel da conjuntura pudemos aprofundar os indicadores que justificam a opção de Rui pelo jornalismo. Tomamos análises já realizadas, entre elas as que privilegiam o imaginário social, pois busca apreender o vigor das idéias na sua totalidade. Além disso, o jornalismo tem como matéria-prima a informação, uma representação do pensamento produzido no "calor da hora" em que está sendo vivenciado. Foi necessário situarmos o lugar social da imprensa e por isso levamos em conta as relações

de produção a fim de percebermos seu duplo papel: de instrumento ideológico que produz um discurso inserido num sistema elaborado de representações da existência real, e de produto simbólico inserido de modo específico na vida material.

Análise dos resultados

A origem social de Rui demonstrou que sua família sempre esteve próxima ao bloco de poder, embora na condição de classe não detentora de capital sob o ponto de vista econômico. Esta vinculação só foi superficialmente questionada no final da vida, durante a Campanha Civilista. Como intelectual — formação jurídica e formulador político — também esteve vinculado à classe dominante. Assim, sua prática social, quer como advogado e/ou jornalista, esteve articulada aos interesses dessa mesma classe.

Na conjuntura da época observamos que a imprensa vivia um momento de tensão que sinalizou aspectos que explicam a formulação de Rui Barbosa sobre a liberdade de imprensa: a vinda de imigrantes na condição de trabalhadores e o surgimento da imprensa operária no Brasil (FERREIRA, 1988). Outro aspecto que também sinalizou a necessidade de novos limites à liberdade de imprensa diz respeito as transformações que vinham ocorrendo no fazer jornalístico (MEDINA, 1988): a introdução da reportagem e da entrevista por João do Rio marcando a necessidade de redefinição do espaço ocupado pela opinião, entre outros. Neste momento, porém, a implantação de novo modelo industrial de divisão do trabalho enfrentava resistência e o jornalista ainda mantinha-se ao mesmo tempo produtor e disseminador do conhecimento - chave do controle do novo fluxo dos moldes burgueses (MARCONDES FILHO, 1989). A base dessas transformações se davam na ordem econômica, quando o jornal passava a ser encarado pelo proprietário como uma mercadoria, subordinada ao lucro - sendo determinante a necessidade de investimentos econômicos e o surgimento das empresas nos moldes capitalistas.

Dentro desse quadro Rui Barbosa defendeu seu ideal de liberdade de imprensa tendo como base real sua vivência na fase artesanal. Por isso, não defendeu o ordenamento jurídico enquanto fenômeno externo ao fazer jornalístico (censura) como limite da liberdade de imprensa. Para ele, o limite era a verdade e o jornalista o responsável em difundi-la.

Este ideal estava ancorado na autonomia do jornalista (valor social que vinha sendo superado) ocultando a necessidade de inserção da imprensa na ordem econômica. Na Europa e Estados Unidos esta inserção se dava via publicidade comercial através das empresas privadas. No Brasil dava-se via poder público devido a realidade econômica do país e sua posição de subordinação a ordem capitalista internacional. Assim, a subvenção governamental deve ser entendida como uma alavanca para a inserção da imprensa na ordem econômica e não tão somente como instrumento de controle político (empastelamento e censura). Rui chamou

esta prática de **degeneração do industrialismo**, dizendo que eram desvios que não aumentavam a autoridade da imprensa.

Essa autonomia atribuía ao jornalista a responsabilidade de pensar e agir de acordo com sua consciência. Uma articulação possível nos limites do pensamento liberal (não articula as ordens econômica, política e ideológica) que vê na liberdade individual a expressão da liberdade social.

Ao buscarmos a compreensão do significado da consciência do jornalista em Rui Barbosa encontramos, entre outras, a expressão **verdade**, que traz em si mesma uma ambigüidade que dificulta sua compreensão. Na conferência *A Imprensa e o Dever da Verdade* (BARBOSA, 1990) encontramos a verdade como instituição social mais importante, como a garantia maior da liberdade. Em oposição a este ideal, Rui denunciava que a realidade (imprensa subordinada ao poder público) era a **cultura da mentira**. Interpretamos, então que, o ideal construído por Rui (privilegiando o plano político e ocultando sua articulação com o econômico) ocultava as lacunas da ideologia liberal (necessidade histórica de inserção na ordem econômica) e seu lugar na luta de classes (veículo interno da classe dominante e o não reconhecimento da imprensa operária como instrumento de luta política da classe dominada).

No ideal construído por Rui, para praticar a verdade não basta defendê-la tão somente no plano do discurso. É preciso internalizá-la (sentir), acreditar que ela existe, pois para pôr em prática há inúmeras barreiras e dificuldades a serem vencidas. É necessário ter princípios morais que a sustente. Rui expressa, assim como os filósofos escolásticos seu caráter transcendental, a necessidade da fé na verdade para que mesmo com sacrifício, tal como um missionário o jornalista conseguia cumprir o dever da verdade.

Procurando situar este ideal de Rui na conjuntura da época observamos que o sentir é um elemento determinante das transformações sociais enquanto representações imaginárias (BERMAN, 1986, p. 16). Era um sentimento intenso e ambíguo, nem sempre explicado pelo pensar consoante com o agir. Para nós, a paixão é o sentimento de sustentação dos valores sociais que estão sendo construídos e/ou destruídos a respeito de como deve ser a realidade. A partir da República observa-se um revezamento nas classes dirigentes e a promoção de um novo padrão de prestígio social começa a ser imposto (burguês argentário). Rui percebeu esse processo de mercantilização nas relações sociais e resistiu reforçando no discurso seu objeto de paixão: as idéias. Daí dizer que o Jornalismo — junto com o Direito — era sua paixão maior.

No momento em que Rui Barbosa explicita numa dimensão ampla seu ideal de liberdade de imprensa está com 70 anos de idade, sem muito tempo para reformular, de maneira radical, seu pensamento. Seu projeto político não tinha sido totalmente implementado no plano nacional. Embora tenha sido um dos arautos do processo de transformação da realidade social brasileira, foi posto na oposição no momento da consolidação da

ordem burguesa no Brasil. Não fazia parte do bloco do poder mais intervinha em algumas situações. Daí que recalcou o sentimento de derrota transferindo para a imprensa seu desejo de vitória e ao jornalista esta responsabilidade. Para ele, só mesmo a imprensa oferecia condições de manter a luta política, mas esta também estava sendo transformada.

Conclusão

Em nosso estudo tivemos como fio condutor as articulações possíveis entre pensamento, ação e sentimento. O sentimento foi o elo presente em toda nossa análise. Foi o cimento que uniu pensamento (doutrina liberal) e ação (jornalismo) de Rui Barbosa.

Em síntese, Rui procurou articular pensamento (liberalismo) e ação social (partido político/imprensa) através do sentimento (paixão) de maneira coerente. A base desta articulação foi a liberdade (autonomia entre político e econômico) tendo como elo fundamental a verdade (em oposição a mentira) sustentada pelas pessoas de cetro (atores sociais da classe dominante que exerçam o poder).

Este ideal é uma ilusão, pois embora construída a partir da experiência, é uma abstração, pois não explicou seus fenômenos constitutivos. É uma ilusão porque Rui percebeu as transformações que vinham ocorrendo na imprensa (necessidade de inserção na ordem econômica/surgimento da imprensa operária) mas tomou como causa a subvenção e suborno do poder público.

No seu ideal de imprensa, Rui tinha no jornalista (pessoa de cetro — homem público que vivenciasse a prática política como missão) o elo fundamental para sua realização. Ocultava sua condição de força de trabalho inserida nas relações de produção.

As transformações que vinham ocorrendo no interior da imprensa possibilitaram a contextualização da liberdade. A imprensa operária sinalizou que a imprensa enquanto Aparelho Ideológico passou também a ser lugar de confronto entre as classes fundamentais — antes era tão somente instrumento da luta política no interior da classe dominante. Por isso, a verdade será defendida como sustentáculo da liberdade. A imprensa vista por Rui como ação política positiva (missão) procura ocultar sua condição de instrumento da luta de classes.

A verdade, por sua ambigüidade, só será aceita como real se o ator social for pessoa de cetro. Senão será mentira ou ocultada sua existência e portanto desqualificada enquanto discurso. A liberdade de imprensa, então, é o dever (norma moral) da classe dominante dizer sua verdade como fato real, determinando o limite do questionamento da classe dominada. Cabe a ela enquanto classe dominante auto-regular sua atuação determinando seus limites de acordo com o momento histórico.

A defesa da verdade como primado da imprensa, no nosso entender, foi a contribuição maior de Rui Barbosa ao ideal de imprensa que ainda ecoa nos dias atuais por seu efeito ideológico. Não estamos com

isso desconsiderando o conteúdo de sua produção jornalística sobre outros temas, nem de outros jornalistas de sua época sobre o tema. Isto poderá ser objeto de outros estudos.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. 3 ed. São Paulo: ComArte/EDUSP, 1990.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia. de Letras, 1986.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Análise social da ideologia*. São Paulo: EPU, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.
- GAY, Pether. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais in: *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LACOMBE, Américo Jacobina. *A sombra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: FCRB, 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.
- MEDINA, Cremilda Araújo. *Notícia um produto à venda*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988.
- NEDER, Gizlene. *Criminalidade, justiça e constituição do mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP (Tese de Doutorado), 1987.
- ROBIN, Régine. *História e lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.